NOVA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE: A SITUAÇÃO PARANAENSE

Regina Célia Habib Wipieski Padilha UNICENTRO/UNIMEP -
re.habib@uol.com.br
Agência financiadora: CAPES0

A nova conformação da base produtiva ganha corpo no globo indistintamente e, segundo Sennet (2005), o "ingrediente de mais forte sabor nesse novo processo produtivo é a disposição de deixar que as mutantes demandas do mundo externo determinem a estrutura interna das instituições" (p. 60)

A instituição universitária vem sendo afetada pelos novos contornos econômicos, políticos e sociais. Em sua dinâmica interna têm se inserido diferentes formas de organização, de funcionamento e novos mecanismos de controle decorrentes da redução do financiamento estatal no setor público de ensino superior - no qual se inclui o *congelamento* salarial de docentes e funcionários - e do acelerado processo de privatização e empresariamento desse nível de ensino. Essa dinâmica é movida pelo estímulo oficial à captação de recursos no mercado e à criação e expansão de organizações privadas no interior das universidades públicas – atendendo à recomendação do Banco Mundial de diversificação de fontes de manutenção. Decorrente disso, há um processo de expansão do número de alunos, cursos, de unidades, embora com menos recursos e sem aumento substantivo no corpo docente.

Como nos mostra Sguissardi (2005), a matriz inerente às mudanças altera o funcionamento das universidades, da ciência e da tecnologia.

> Jamais como hoje a universidade foi pensada como parte da economia. Jamais como hoje o conhecimento, a ciência e a tecnologia foram tão valorizados como mercadoria capital a ser apropriada hegemonicamente pelas grandes corporações globalizadas e no interesse dos países centrais (p.215)

As alterações são desencadeadas por mecanismos que extrapolam a instituição universitária, mas também encontram no interior dela práticas que colaboram com sua sedimentação. Os determinantes políticos e econômicos, os novos processos de trabalho e uma concepção *neoprofissional, heterônoma, operacional e empresarial/competitiva* (SGUISSARDI, 2005), perpassam a instituição alterando suas bases e o trabalho docente.

Reflexo de uma conjuntura sócio-político-econômica e ao mesmo tempo reprodutora desta, a docência se situa nesse contexto que delineia um novo modelo de educação superior. Tal modelo comporta como atributos a aceleração do tempo e a flexibilização/precarização dos espaços, dentre outros.

A aceleração do cotidiano compromete a produção acadêmica, o trabalho intelectual, porque suprime o tempo necessário à invenção. Além disso, altera a vida dos docentes, retira-os do convívio familiar e priva-lhes do lazer. A flexibilização/precarização das condições físicas das instituições deteriora os processos interativos e intensifica o trabalho docente na medida em que muitas atividades são desenvolvidas nos domicílios dos docentes e estes passam a assumir, dentre outras, a responsabilidade também pela busca de recursos para melhorar seu próprio ambiente de trabalho. Ambos – aceleração do cotidiano e flexibilização/precarização dos espaços - desencadeiam posturas/condutas individualistas nos docentes em virtude da ânsia de acompanhar as vertiginosas mudanças.

Nesta nova diretriz imposta para o funcionamento da universidade podem ser identificados traços fundamentais do *modelo de universidade mundial*. Estes traços afetam diretamente o trabalho docente e contêm, em sua maioria, redefinições no papel da ciência, do intelectual na sociedade e da instituição universitária; pressões para a captação de recursos complementares; dispositivos de supervisão, avaliação e prestação de contas; disponibilização de fundos que envolvem a competição, entre outros, que promovem a redefinição das categorias *público* e *privado* e redimensionam o dia-a-dia do docente na instituição universitária. A produção de conhecimento e o trabalho acadêmico são convertidos em administração de dados e assessoramento ao mercado (SGUISSARDI, 1999).

Buscando uma maior aproximação desse processo de reconfiguração do fazer universitário e seguindo nosso intento de analisar o cotidiano das universidades públicas estaduais paranaenses por entendê-las como um *locus* privilegiado para a realização deste estudo, por virem comportando, desde a década de 1990, um conjunto de alterações em seu funcionamento, mantivemos contatos mais próximos com os seus docentes visando captar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, a forma pela qual têm se alterado as atividades dos professores. Procuramos apreender os elementos que fazem parte do dia-a-dia de alguns docentes e para tanto nos propusemos a escutar os relatos sobre suas vivências no interior e fora da universidade.

Entrevistamos um total de 36 professores vinculados a 3 universidades[1] públicas estaduais paranaenses, sendo 12 professores de cada instituição. A escolha dos docentes a serem entrevistados seguiu dois critérios: tempo e área de atuação. Buscamos contato com docentes cuja vinculação à universidade fosse igual ou superior a dez anos para que estes contassem com vivência institucional suficiente que os permitisse relatar as mudanças observadas em seu afazeres no transcurso do tempo. Optamos, também, por ouvir relatos de professores das diferentes áreas do conhecimento para mapear o maior número possível de nuances do cotidiano docente. Assim, tomamos como referência a classificação de áreas[2] do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

Elaboramos um roteiro de entrevistas com questionamentos amplos sobre as mudanças que os docentes observam em seu cotidiano com vistas ao levantamento das alterações que os novos encaminhamentos têm promovido nas atividades universitárias. Esses questionamentos comportaram inquietações nossas em relação à organização do trabalho

---

[1] Optamos por realizar as entrevistas na UEM, Universidade Estadual de Maringá, UEPG, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UNIOESTE, Universidade Estadual de Cascavel, por apresentarem distintos estágios de desenvolvimento institucional. A primeira se encontra com o ensino de graduação e pós-graduação *strito sensu* consolidados assim como a pesquisa; a segunda apresenta o ensino de graduação consolidado e tem envidado esforços para a consolidação do ensino de pós-graduação *strito sensu* e da pesquisa; a última tem sua estrutura de graduação consolidada e está em fase de implantação de cursos de pós-graduação *strito sensu*.

[2] O CNPq estabelece oito áreas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Lingüística, Letras e Artes e em cada instituição entrevistamos ao menos um professor pertencente a cada uma delas.

docente. Optamos por propor temáticas abrangentes envolvendo questões sobre o tempo dispensado e as condições físicas disponíveis para a realização das atividades docentes. Os questionamentos adicionais feitos por nós decorreram das respostas dos entrevistados seguindo espontaneamente a linha de seus relatos de experiências.

Ouvindo aos docentes pudemos detectar suas insatisfações, preocupações, incertezas e as diferentes posições que assumem diante do novo quadro no qual a universidade está inserida. Foi-nos possível apreender como descrevem a nova dinâmica da docência na universidade e é a forma como o fazem que discutiremos a seguir, reproduzindo entre aspas alguns relatos dos docentes.

Um aspecto presente na maioria das falas dos docentes entrevistados foi o da resposta afirmativa quanto à existência de mudanças substanciais no seu ritmo de trabalho indicando uma nova relação com o tempo no interior da vida institucional.

A nova relação com o tempo, marcada pela intensidade de tarefas e exigências, pela aceleração dos prazos e pelo sentimento de "culpa" e sensação de "não dar conta" está muito presente nos depoimentos.

Os cargos ou funções administrativas assumidas ocupam grande parte do tempo docente na instituição. Os docentes relataram que muitas vezes "não têm como não assumir uma função" e acabam sendo sobrecarregados não tendo "nem a opção de não querer aceitar." Sentem-se pressionados por produção, com sentimento de culpa por tentarem compatibilizar atividades de ensino, pesquisa, extensão, administração, e o tempo que é dedicado a uma delas dá-se em detrimento de outra.

Relataram que a burocracia absorve de uma forma tal, que além dela não conseguem se envolver com "mais nada"; somente podem "dar as aulas", sobrando muito pouco tempo para dedicação à pesquisa. Participam de reuniões longas em que se discute mais sobre as "questões administrativas do que as acadêmicas". As regulamentações internas de trato administrativo têm se tornado mais complexas, demandando mais trabalho. Quando se dedicam à pesquisa o fazem "extra-horário".

Para alguns entrevistados as funções administrativas são incompatíveis com as demais funções docentes, sendo, em sua opinião, necessário separá-las das funções didático-pedagógicas, numa carreira

paralela. Para eles, "não é possível levar com tranqüilidade esse trabalho juntamente com atividade de ensino e pesquisa", sendo "quase insano" tentar compatibilizar tais funções.

Aqueles docentes que respondem por funções/cargos administrativos e desenvolvem pesquisa informaram que só têm tempo para ir à biblioteca e "mexer com suas fontes documentais", por exemplo, nos horários que "não são de trabalho", como o sábado.

A sobrecarga desses docentes decorre, também, da falta de pessoal técnico para apoio. Coordenadores de curso informaram que têm sob sua responsabilidade – além de outras – as matrículas dos alunos, a organização das turmas e dos horários em sistemas *on line*, trabalhando na maior parte do tempo sozinhos. Assim, muitas das atividades antes desempenhadas por pessoal técnico têm sido absorvidas pelos docentes e, segundo alguns entrevistados, a regra que parece vigorar é a de que "o professor que se vire ou desista".

Entendem que o professor gasta muito mais tempo se preocupando com a burocracia do que com suas reflexões teóricas.

Cabe aqui uma afirmação que consideramos bastante contundente de uma entrevistada

> Você fica com culpa porque muitas vezes você não dá conta daquilo que você está fazendo naquele dia estipulado e ao mesmo tempo tem necessidade de leitura de livros novos... reflexão... e falta tempo, porque está envolvido com a burocracia. (E-19)

"Culpa" e "falta de tempo" foram preocupações recorrentes nas falas dos entrevistados. A atual dinâmica da universidade, por consumir as energias do docente em tarefas imediatistas, inviabiliza o pensamento que quer se voltar para além do "aqui e agora". Falta tempo para a maturação de idéias, pensamentos, para a criação. Falta tempo para reflexões, para o "amadurecimento do pensamento do ponto de vista intelectual". Falta tempo para leituras, pois se não fizerem "um sacrifício" não conseguem ler um livro porque não dá tempo e então, precisam se justificar perante os alunos e colegas porque estão "devendo" a leitura de determinada obra ou

porque o que foi possível somente foi "passar os olhos"; no entanto, não fizeram a leitura que queriam.

O desconforto em relação ao tempo é uma constante. A sensação de estar em falta, de não ter cumprido com as obrigações; os atrasos, as tarefas entregues na última hora. A justificativa: "ainda não houve tempo".

> O professor não tem tempo para ler. Vai fazer uma pesquisa e não tem tempo para pensar os problemas, dialogar com os setores envolvidos. Parece que tudo isso se torna uma questão secundária, mas para a atividade docente ela é o núcleo central. Estudar, pensar os problemas, dialogar ... se eu for fazendo outras coisas e não tenho tempo para fazer isso, estou perdendo a questão central do conhecimento." (E-13)

A falta de tempo degrada o trabalho docente e compromete os pilares sustentadores da universidade que a constituíram historicamente como local por excelência do conhecimento, abrigando em seu interior discussões acerca dos problemas que envolviam os povos; instituição na qual se buscavam interpretações sistemáticas para as questões postas em cada época.

Negar a necessidade do pensamento em qualquer área de atuação profissional é inadmissível. Numa famosa passagem de *O capital*, Marx (1985) ilustra esta característica humana ao dizer que:

> Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é

> tanto mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece por isso menos possibilidade de fluir da aplicação da suas próprias forças físicas e espirituais (p. 202).

Nesta passagem Marx elabora de uma maneira primorosa a idéia de que o homem só consegue se realizar enquanto humano quando antecipa seus atos pelo pensamento. Desconsiderar a importância do pensamento para a ação docente na universidade – um trabalho que tem um cunho eminentemente intelectual – significa perder de vista a própria condição antropológica dos seus sujeitos.

Falta tempo para pensar, para "redimensionar" a atuação, para "questionar e avaliar" e isto faz os docentes sentirem que não dão conta "das coisas que seriam prioritárias."

Necessitam trabalhar de "segunda a segunda-feira sem interrupção para poder cumprir o mínimo exigido". Porém os próprios docentes cobram de si mesmos, não conseguem fazer "só aquilo que seria o mínimo". Desenvolvem um número maior de atribuições do que as normas internas estabelecem e isso nos remete a Hargreaves (1998) quando afirma que a maior fonte de intensificação reside na *auto-intensificação* realizada pelos professores. A origem da auto-intensificação está nos altos níveis de expectativa em torno do trabalho docente.

A maioria dos docentes relatou que trabalha "para além daquela carga-horária informada". Há o cumprimento de um número maior de atividades durante o horário em que o docente permanece na instituição e isso "faz o trabalho ficar maior que as 40 horas".

A intensificação ou sobrecarga de trabalho com a qual o docente se depara pauta-se na racionalização, que, segundo Apple (1995), é um processo que provoca a erosão das condições de trabalho.

> A intensificação representa uma das formas tangíveis pelas quais os privilégios de trabalho dos/as trabalhadores/as educacionais são degradados. Ela tem vários sintomas, do trivial ao mais complexo – desde não ter tempo sequer para ir ao banheiro, tomar uma xícara de café, até ter uma falta total de tempo para conservar-se em dia com sua área (p. 39).

A docência pode ser entendida como passível de renovação constante, isto é, sempre pode ser desenvolvida de uma maneira mais abrangente e distinta a despeito, muitas vezes, das condições materiais disponíveis para sua execução. Diante disso, os professores trabalham arduamente imbuídos do compromisso com a qualidade, sintonizados com altos níveis de exigência, e o seu papel passa a ser redefinido de modo cada vez mais amplo.

Além do preparo de aulas, relatórios, assumem orientações vinculadas a programas de Iniciação Científica institucional, ao PIBIC[3] , ao PIBIC Júnior do Ensino Médio, a Programa de Pós-Graduação *lato* e *stricto sensu*, a docentes do PDE[4], a Trabalho de Conclusão de Curso; supervisão de estágio; coordenação de curso; chefia de departamento; comissão de pesquisa, comissão do PIBIC, comissões para tratar de assuntos extraordinários; fóruns de discussão de temas administrativos ou científicos; colegiado de curso de graduação e pós-graduação, colegiado setorial, câmaras dos *campi*, câmaras dos Conselhos Superiores; liderança de grupos de pesquisa; cursos de extensão presenciais e a distância. Revisão e correção de textos de alunos e colegas. Sentem-se sufocados porque entendem que a maioria dessas atividades demanda "muita pesquisa" e que "não dá para realizá-las sem estar estudando". Das reuniões que participam vem, ainda, "uma carga de trabalho extra".

Observam o aumento no volume de trabalho, um processo que não conseguem controlar e não "podem dizer não, ou não querem dizer não" e isso se dá também por conta do compromisso assumido com alunos, colegas, com a instituição pública. Não sabem "dizer por que, mas quando vêem já estão...".

Deparam-se com demandas contínuas de trabalho e os seus planos de atividades têm que ser capazes de comportar programas, projetos diferenciados e problemas a serem solucionados que surgem de maneira

---

[3] Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

[4] O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, integrado às atividades da formação continuada em Educação, disciplina a promoção do professor para o Nível III da Carreira, conforme previsto no Plano de Carreira do Magistério Estadual, Lei Complementar nº 103, de 15 de março de 2004. É uma política pública que envolve professores da Educação Básica em atividades teórico-práticas orientadas por professores da Educação Superior com vistas à produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense.

extraordinária, que "entram", "são *input*", se incorporam ao seu dia-a-dia sobrepondo-se àquelas responsabilidades assumidas anteriormente e implicam em mais tarefas.

Não existe mais o tempo linear, previsível, e as condições da nova economia fomentam a experiência com a "deriva no tempo" (SENNET, 2005). Ao se dedicar a uma atividade, outras solicitam sua atenção porque envolvem prazos. Assim, é seccionada a atenção, o raciocínio, a iniciativa e também as interações. A concentração a uma tarefa específica e o longo prazo parecem não existir mais.

O cotidiano passa a ser subdividido em ações de diferentes ordens, quer seja administrativa ou acadêmico-científica. É uma constante a urgência dos telefonemas, da convocação para reuniões extraordinárias, da correção de trabalhos dos alunos, da redação de projetos e relatórios, do preenchimento de formulários, do envio de informações aos órgãos da administração, da organização de eventos científicos. Tarefas que tomam um tempo não computado.

A participação em eventos, tão importante para a vida acadêmica, passou a ser fonte de frustração e desmotivação porque os recursos são escassos e a burocracia é imensa. Envolve tempo para ofícios, projetos, justificativas, formulários para agências financiadoras. Para uma docente entrevistada é necessário "passar o pires e ficar pedindo dinheiro aqui e acolá".

Os docentes dispensam seu tempo para enfrentar a concorrência com os pares e as restrições[5] da administração estadual em relação à ida ao

---

[5] Conforme o estabelecido pelo Decreto 5.098/2005, os pedidos de afastamento ao exterior dos servidores das instituições estaduais de ensino superior para participarem de seminários, congressos, simpósios, visitas técnicas e eventos assemelhados, ficam previamente condicionados a: participação no evento limitada a um representante por instituição, ressalvadas as situações de relevante interesse, devidamente justificadas; ter o candidato plano de trabalho ou trabalho científico inscrito e aceito para realização e/ou apresentação no destino/evento; ser o interstício, relativo ao retorno do último afastamento de viagem ao exterior, do servidor, superior a 12 meses, ressalvadas situações de singular importância para a instituição, devidamente justificadas; estar o servidor livre de pendências com a instituição e/ou com apresentação de relatórios e demais compromissos referente à viagem anterior; ter o servidor apoio de órgãos institucionais de fomento, ou, da entidade promotora do evento, ou, ainda, por programas específicos e com recursos próprios da Instituição, desde que, devidamente aprovado pelo colegiado superior competente; ser o servidor substituído em suas atividades durante o afastamento pelos seus pares, sem ônus adicional para a instituição; estar o período de afastamento solicitado circunscrito à realização do evento e ao tempo necessário para viagem. Os pedidos de afastamento ao exterior dos servidores para realização de estudos de pós-graduação, mestrado e doutorado, licença sabática, estágios de doutoramento ou pós-doutoral, também estão condicionados à concessão de bolsa de estudos por programas institucionais de fomento, substituição pelos pares, sem ônus adicional para a instituição; inexistência de

exterior para cursarem pós-graduação, complementarem sua formação ou participarem de eventos científicos, mesmo que tais atividades não demandem custeio do governo estadual.

Da parte de alguns professores, o que lhes impele a se envolver cada vez mais é o compromisso com as jovens instituições públicas, com os colegas, com os alunos e o desejo de superação, de busca de melhorias que implicam em mais dedicação, mais trabalho. Uma "roda-viva".

Informaram que gostariam de gastar mais o tempo para reler os clássicos, rever possibilidade de aplicações da teoria, ir a campo, agir na comunidade, fazer reflexões e análises. No entanto, não há tempo. Até mesmo o tempo da família está comprometido.

Muitas das tarefas são "flexibilizadas" e prolongam-se para o ambiente familiar dos docentes nos horários em que eles não têm compromissos presenciais na universidade. Há uma indiferenciação dos locais para realização das tarefas docentes; o espaço institucional e o familiar, a casa e a universidade se fundem. Assim como ficou "normal" não ter tempo livre, ficou "natural" trabalhar (academicamente) em casa. Alguns entendem como necessários os horários alternativos em virtude do volume de trabalho. Outros reclamaram que não podem ser como "seres normais" que chegam em casa à noite do trabalho e "acabou". Com a *Internet,* o trabalho às vezes se estende noite adentro. Outros, ainda entendem que o prolongamento do trabalho para o ambiente familiar e para o lazer se dá por conta de uma característica própria, uma dificuldade pessoal de "separar o que é família, lazer, do que é trabalho."

Para alguns, estão vivendo um "momento de colonização do tempo".

O trabalho não cessa, é ininterrupto e algumas atividades necessitam ser realizadas em casa devido à falta de espaços apropriados e equipamentos nas instituições.

Nas instituições faltam espaços para o trabalho mais minucioso do ponto de vista intelectual.

---

programa de estudos similar no Brasil, na área de concentração pretendida, quando se tratar de afastamento para mestrado.

> Eu faço muita coisa à noite em casa. O que precisa parar sem ser interrompido, ter um tempo de silêncio com você mesmo, dificilmente eu consigo fazer aqui na universidade porque tenho que resolver os problemas burocráticos, atender alunos. Talvez se eu não estivesse na coordenação do programa de pós-graduação pudesse tirar um tempo para fazer. Eu encaro isso como um investimento na carreira e não como uma carga para carregar. Se você quer ir a algum lugar tem que pagar o preço. (E-31)

Mesmo prolongando sua jornada laboral para o tempo de casa, cuidam-se para que o contrário não aconteça, isto é, para não levar para o interior da instituição questões pessoais. Nem mesmo o "*e-mail* pessoal" se permitem acessar porque têm como "critério" abrí-lo somente em casa e como nesta por vezes não dispõem de tempo, podem ficar semanas sem acessá-lo, limitando-se a ler o "*e-mail* profissional".

O trabalho é fisicamente descentralizado e a *métrica do tempo* passou do relógio para o computador. Sennett (2005), referindo-se à organização do tempo no local de trabalho menciona que as organizações flexíveis têm adotado o *flexitempo* que consiste num mosaico variado e individualizado de tempos de trabalho, porém, o que parece ser uma libertação da rotina padronizada representa uma *submissão eletrônica* porque está entretecido numa trama de controle.

A totalidade dos docentes entrevistados depara-se com a necessidade de dispensar tempo à *Internet*, mas cuida-se constantemente para não "perder tempo", até porque percebem que lá há muito "lixo". É necessário buscar e filtrar informações, ler para se manterem atualizados, acessar o correio eletrônico, pois se deixarem de checar diariamente correm o risco de passarem por "negligentes"; preencher formulários, mesmo que muitas vezes a sensação seja a de que têm que "parar a vida para preencher os formulários do CNPq."

Trabalhar em casa libera tempo na instituição para que o docente se envolva com tarefas menos intelectuais e mais mecânicas.

A fusão do tempo do trabalho/tempo da família e espaço do trabalho/espaço da família em decorrência da quantidade de obrigações

profissionais atribui à vida do docente um movimento peculiar em que o número de horas dedicadas às atividades docentes vem aumentando gradativamente e ocupando o tempo antes dedicado a "coisas que davam prazer".

A maioria informou que tem o lazer "anulado" em suas vidas. Por vezes se "obrigam" a ir ao cinema no domingo com familiares, porém relataram que já se flagraram no meio do filme "olhando no relógio e pensando: essa coisa não termina nunca". Consideram que mesmo num domingo "aquilo não é permitido." A *rotatividade* mental é tão grande que não conseguem desacelerar, não conseguem ter lazer.

Sentem "remorso" de ter tirado tempo para o lazer e, mesmo nele a mente continua no trabalho. Não se sentem confortáveis quando têm tempo livre. O tempo livre, quando não é utilizado para se encontrar com colegas da universidade e discutir algum assunto pendente, é usufruído com culpa.

> Levo livro para a cama, para ver televisão e ler ao mesmo tempo. É uma coisa muito neurótica. A gente vive nessa coisa de ter que estar sempre produzindo, sempre produzindo e professor hoje é muito cobrado. Avaliação daqui, avaliação de lá. Você tem mil e quinhentos relatórios que precisa mandar e eu acho que para nós que somos instituições novas é mais complicado ainda porque as coisas estão se construindo. (E-20)

No entanto, o tempo livre é fundamental, já que a própria origem da escola vem do ócio, do tempo livre. À medida que os docentes vão ocupando o tempo cada vez mais, entram na engrenagem do fazer por fazer.

Contrariamente à concepção gramsciana, que faz referência à autonomia e liberdade conquistadas no trabalho resultando numa situação em que o operário se torna "patrão de si", podemos afirmar que hoje cada professor se tornou um patrão de si extremamente severo, rigoroso para com seus afazeres e com o atendimento às determinações externas, não se permitindo ter tempo livre.

Nessa nova dinâmica, os entrevistados afirmaram que se sentem "correndo atrás do tempo" e que entendem que isso pode decorrer de

questões pessoais, da sua falta de organização, do fato de não saberem administrar ou estarem "querendo muita coisa."

O aumento no ritmo, na intensidade de trabalho, e a falta de tempo da maioria refletem nas condições físicas dos docentes. Uma docente da área da Saúde observou que é comum os colegas "se queixarem, reclamarem de cansaço e de desânimo, que querem férias", mas isso que antes acontecia no final do ano passou a ocorrer já no mês de março. Para essa docente, muitas vezes seus colegas não relacionam as dificuldades enfrentadas nas condições físicas com o trabalho e assumem como se fosse um "problema pessoal, de fraqueza física, de personalidade".

A falta de tempo para cuidar da própria saúde é uma constante nos relatos. Consultas e exames médicos protelados ou marcados nos horários de almoço quando possível. Dificuldades para ler e preparar aulas à noite por conta de problemas de visão. Os docentes afirmaram que não admitem nem suas "fragilidades", que se sentem "extenuados de cansaço" e que sua saúde está sempre "deficitária." Nos horários de almoço no interior da própria universidade gostariam de "ter uma cadeira mais confortável para relaxar um pouco".

Enxaqueca tensional, depressão, insônia, estresse, tensão, lapsos de memória, desânimo, desmotivação, falta de vontade de se expor, labirintite, tendinite, irritação, impaciência, ansiedade, problemas de pele, queda de cabelo, alteração hormonal, problema de peso são problemas de saúde relatados pelos docentes.

Relataram que recebem orientações médicas para que diminuam o ritmo, "levem as coisas de uma maneira mais leve", como se estivesse no sujeito a solução de todos os problemas e não no seu ambiente de trabalho. Para uma docente é "a instituição que está doente ou está levando as pessoas a isso":

> Eu estou extremamente cansada, com menos paciência com os que estão à volta, mais dura com o trabalho aqui dentro, mais mecanizada também e brigando muito para não ficar assim. Estou perdendo a leveza cotidiana tão importante para a família, para os filhos, para a gente mesma e com os colegas também. A relação que a gente vai estabelecendo com os colegas vai se tornando mais mecanizada, mais dura. Às vezes o que quebra

> essa mecanização é exatamente a existência do computador. (E-28)

Licenças não são tiradas e quando os docentes o fazem, ao retornarem precisam enfrentar o trabalho acumulado. Licenças especiais por vezes são tiradas para escrever dissertações ou teses quando o docente não o faz em meio a outras atividades. Geralmente é tirada somente a licença maternidade, no entanto, ouvimos o relato do membro de um sindicato sobre a iniciativa de uma professora que queria abrir mão desta. Ela buscava uma forma de não tirar a licença porque fazia plantão-docente no Hospital Universitário e isso resultava num acréscimo significativo aos seus ganhos mensais.

Observam a falta de solidariedade e a impossibilidade de um colega aliviar a sobrecarga do outro:

> mesmo que ele esteja cansado você não tem como assumir um pouco da carga-horária do outro porque está muito sobrecarregado e não tem como ampliar. Daí você olha e diz: ah está deprimido, mas vai ter que trabalhar (risos). (E-24)

Muitas das demandas apresentadas aos professores não podem ou há dificuldade para que sejam por eles cumpridas pela falta de meios. Assim, a impossibilidade de responder de modo satisfatório às demandas leva-os à insatisfação, frustração e fadiga.

Resistem bravamente a tudo. Encaram as dificuldades "como um investimento na carreira e não como uma carga para carregar", pois entendem que se querem ir a algum lugar pensam que têm que "pagar o preço."

Estão conscientes da intensificação, mas não desejam sair dela. Alguns informaram que tentaram fazer psicoterapia para se aliviarem.

> Já me falaram: "você não é obrigada, você faz porque você quer". Eu paro e penso: "É verdade", mas pergunte se eu quero fazer: "sim, eu quero fazer". A gente não quer parar porque lutou uma vida toda para chegar a essa posição na academia. (E-34)

Outros, diferentemente, informaram que estão reaprendendo a enfrentar o volume de trabalho cotidiano e tentando "dizer não e não sofrer". Estão fazendo a opção por não se sobrecarregarem para se manterem bem. Agora conseguem fazer com que pelo menos o domingo seja seu.

A iniciativa de não trabalhar nos finais de semana leva o docente a se "disciplinar" e otimizar seu tempo na instituição. Muitas vezes isso decorre de exigências familiares.

No entanto, a atenção à família pode afastar o docente dos critérios produtivistas que são as formas de acessar os recursos.

A opção por não se sobrecarregar pode levar a uma posição de menor destaque na academia porque percebem que a produção cai. Alguns estão esperando os filhos crescerem para poderem voltar "com mais força para a pesquisa", dedicar-se mais às publicações, conseguir aprovar projetos e trazer mais recursos para a instituição.

Há a permanente preocupação com o *Currículum Lattes*, pois é ele que classifica o docente em produtivo ou não, que estabelece se o professor está em condições de receber financiamento para seus projetos, está apto para integrar programas de pós-graduação. É o *curriculum* diferenciado que garante espaço na academia e financiamento de projetos.

> Se eu não tenho um *curriculum* diferenciado, ninguém vai me dar dinheiro. Você vale o quanto seu *curriculum* pesa. Ninguém vai me convidar para uma conferência porque sou amiga, mas convidam porque olham no *Lattes,* meu *curriculum.* (E-34)

Não trabalhar fora do horário, evitar ocupar os fins de semana faz os docentes entenderem que não conseguirão ser um "expoente" na sua área, não terão condições de se projetarem. Afirmaram que, para chegarem a ser um "referencial" na sua área têm que "fazer mais, deixar um pouco a vida pessoal".

Entendem que "um bom *curriculum* depende de desprendimento e dedicação" e percebem nitidamente a diferença de um professor produtivo de um que não produz porque o primeiro "abre mão do tempo livre".

> Em vez de descansar, levo trabalho para casa ou venho trabalhar aqui fora do horário. Tem muita gente que não se

> sujeita a isso. Esse continua lá na etapa inicial como eu estava em 1982, dando aulas, trabalhando 8 horas por dia, cumprindo suas obrigações e com um determinado retorno. Aquele professor que se destaca, que tem uma produção melhor, que consegue uma bolsa produtividade, que é um referencial é aquele que trabalha às vezes o dobro das 8 horas diárias. Eu me incluo aí. Eu atingi esse patamar hoje porque abdiquei de outras coisas. É muito claro, se você se disponibiliza a usar seu tempo extra, vai ter um rendimento diferenciado, se não abrir mão do seu tempo de lazer, tempo de folga, você não se destaca, é mais um na multidão. É uma área muito competitiva. Não há a competição de um contra o outro, mas sim eu contra o mundo. As revistas são cada vez mais exigentes, para você pôr o seu trabalho tem que ter dedicação. (E-34)

Percebem que são eles, os docentes, que têm que "ir atrás de tudo", se quiserem fazer pesquisas e ter reconhecimento para conseguir os financiamentos, têm que "trabalhar as 24 horas do dia".

Relataram que observam mudanças no plano das interações ao longo do tempo em que atuam nas instituições. As antigas faculdades, estruturadas em um único *campus* que comportava professores pagos por hora-aula ministrada, número de cursos reduzido, com ênfase no ensino de graduação, se tornaram, em sua maioria, universidades *multicampi* voltadas para a pesquisa e para a verticalização do ensino. Os docentes ficaram mais isolados, sem as trocas que ocorriam informalmente. Por outro lado, a instituição ganhou uma dinâmica mais próxima de outras universidades com essa estrutura e passou a ter uma cobrança por produção, por atividades de pesquisa e pós-graduação.

O intercâmbio e a interação próprios de uma instituição menor foram desaparecendo. Os professores, que anteriormente se conheciam porque conviviam diariamente numa sala comum, passaram a praticamente não se verem. Entre eles, as interações no plano intelectual e humano ficaram comprometidas. Restou somente o corredor, o local do cafezinho para interagir rapidamente com os colegas, para tratar de questões salariais,

para desabafar; os restaurantes ou cantinas universitárias onde muitas vezes o almoço se dá para o docente "não perder tempo".

Decorrente do processo de transição de universidades que se verticalizaram de "uma hora para outra", sem para isto estarem preparadas, há um "processo de estranhamento" que leva a disputas e desentendimentos entre docentes que atuam na graduação e docentes que atuam no pós *stricto sensu.* Tempo é dispensado também para essas disputas internas.

Em virtude desses conflitos internos, muitos docentes consideram um ônus trabalhar na pós-graduação *stricto sensu*. Além das cobranças dos colegas, enfrentam uma carga de atividades própria.

> Eu contei quantas páginas tinha de ler no mês de fevereiro para participar de bancas de defesa. Eram 1.200 páginas no total (risos). Isso é muito. Eu fiquei lendo o mês de fevereiro inteiro. Era para estar preparando aulas, fazendo outras leituras e fiquei envolvida com as bancas. Ia participar dessas bancas, não podia fazer de conta, porque tenho compromisso com esses alunos. (E-19)

A criação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* tem sido absorvida pelo quadro docente – insuficiente[6] – e, para que haja a abertura de concurso e ocorram contratações, os cursos devem se consolidar.

Um aspecto mencionado tanto pelos professores que atuam no *stricto sensu* quanto pelos que atuam na graduação é o de que as novas tecnologias da informação e da comunicação colaboraram para com as mudanças em curso. Alguns vêem como um fato positivo a tecnologia ser o instrumento que possibilita uma carga maior de trabalho e mantém o

---

6 O quadro de docentes das instituições é, na maioria dos casos, insuficiente devido às restrições do governo estadual em relação à abertura de vagas. Além do fato de a criação de cursos ser absorvida pelo quadro existente, os afastamentos de docentes para cursar pós-graduação são supridos por colegas e, para tanto, os departamentos têm que se articular para atender as deficiências. Também não há reposição das vagas abertas por aposentadorias, falecimentos ou problemas de saúde. Deparamo-nos com a indignação manifesta por um docente diante da abertura de somente uma vaga no seu departamento em que houve um falecimento, três aposentadorias, a cessão de um professor para órgão estatal e um afastamento por invalidez. Outro problema enfrentado é o de que os concursos, quando abertos, muitas vezes não têm interessados porque os salários não atraem.

professor conectado as 24 horas do dia fazendo com que seja "a mesma coisa estar universidade ou estar em casa".

Para outros, as novas tecnologias tiraram um pouco da ansiedade da ausência de informação, mas outro tipo de ansiedade surgiu, a de acompanhar a velocidade da informação. A aposta de que a informática e a velocidade de informação trariam uma folga nas atividades, a idéia de que o computador se responsabilizaria por muitas atividades e liberaria as pessoas para o lazer, não se concretizou. É necessário dispensar tempo em busca e leitura de informações. Um docente explicou porque entende que a tecnologia dissocia as pessoas:

> Se você fotografar agora as salas de professores, vai ver que estão todos eles olhando para o computador. Se você voltar daqui a meia hora, estão todos eles olhando para o computador. Se você vier daqui duas, três horas, daqui dez dias estão todos eles lá. Eles vão chegar de manhã, ligar o computador, ficar até as 11 horas, desligar o computador e ir embora, muitos até sem cumprimentar os outros. Se faltar energia elétrica um dia e não tiver computador, eles vão todos embora. (E-26)

Mas essa auto-crítica verbal parece não estar levando a um processo de organização coletiva. Os professores mencionaram, em seus relatos, que observam que entre eles há momentos de catarse – principalmente durante o cafezinho ou no corredor – mas depois todos voltam à rotina. Falta tempo para debates. Comentaram que "as idéias contrárias não têm um embate porque as pessoas realmente não têm tempo".

Os docentes "correm atrás das exigências", mas há um "empobrecimento" das relações.

A esse respeito, Castells (1999) destacando os impasses com os quais os trabalhadores se defrontam com a perda de controle sobre suas vidas pessoais e profissionais no contexto da nova sociedade em rede, evidencia

> a globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria da nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação. Ao

> mesmo tempo, estão privando as sociedades de direitos políticos e privilégios. (...) a repentina aceleração do tempo histórico, aliada à abstração do poder em uma rede de computadores, vem desintegrando os mecanismos atuais de controle social e de representação política. À exceção de uma elite reduzida de globopolitanos (meio seres humanos, meio fluxos), as pessoas em todo mundo se ressentem da perda do controle sobre suas vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta (p. 93-94).

O produtivismo acadêmico diminui os tempos para a interação. Alguns professores, ao incorporarem o processo de avaliação produtivista, entendem que participar de reuniões do colegiado ou assembléia do sindicato é perda de tempo e isso traz dificuldades do ponto de vista organizacional. Se o tempo tirado para a família e para o lazer é visto com reprovação, ainda mais o é o tempo dedicado a discussões de problemas da universidade ou sindicais. Esta postura colabora com a manutenção da situação atual do sistema de ensino superior, isto é, essa desmobilização sindical contribui para a continuidade da política de desobrigação crescente do Estado em relação ao financiamento integral do ensino superior.

Envolvidos na engrenagem que permeia seu trabalho, o docente, muitas vezes, opta pelo individualismo para suportar o cotidiano intensificado.

Harvey (2002), ao tratar dessas novas exigências do sistema de produção contemporâneo , assinala que a imposição delas sobre os trabalhadores se deu de modo tão veloz que provocou uma falta de referências. Decorrente disso, os profissionais inconscientemente desencadearam mecanismos de defesa, sendo um deles o silêncio assim descrito pelo autor: "um tipo de silêncio exaurido, *blasé* ou encouraçado, e inclinar-se diante do sentido avassalador de quão vasto, intratável e fora do controle individual ou mesmo coletivo tudo é" (p. 315).

Em seus relatos, muitos docentes afirmaram que percebem que a melhor forma de mostrar o potencial é através do trabalho, não é com greve, "com briga". Consideram em vão a luta porque "as coisas já estão

bem delineadas e falta abrir os olhos que o ensino público superior está se esvaindo e não é de hoje, e as coisas estão caminhando para isso. As coisas vêm em instâncias superiores".

Há uma "tentativa de sobrevivência" por parte de alguns docentes em que cada um cuida de sua vida intelectual, seu *curriculum* e não assume outros compromissos.

> Cada um no seu canto, cada um atrás do seu *Curriculum Lattes*, cada um querendo dar conta; os que se dispõem a participar de comissões são sempre os mesmos. Se for alguma coisa que vai contar no *Curriculum Lattes* a pessoa se mobiliza, mas se não, se forem aquelas outras atividades, recaem sempre sobre as mesmas pessoas. Essa é uma mudança. (E-24)

Segundo os entrevistados, são poucos os que "colocam a mão na massa" em "todas as frentes", isto é, no ensino, pesquisa, extensão e administração. Aqueles que não se "desdobram" sobrecarregam os colegas, recebendo críticas destes. As disputas internas decorrem, também, dessas situações.

Assim, de modo geral, podemos afirmar que o quadro no qual tem se dado o trabalho docente nas universidades públicas estaduais paranaenses comporta uma nova *métrica* do tempo e uma nova espacialização que inibem tanto a auto-organização como a organização coletiva.

Os docentes têm sido impelidos a ministrar mais aulas, propor mais projetos, aumentar quantitativamente sua produção intelectual. São, também, pressionados a captar mais recursos envolvendo-se com as práticas do quase-mercado educacional a fim de criar e/ou manter suas condições de trabalho. Esse quadro os leva a buscarem isoladamente seus interesses pessoais e a competir com seus pares.

Muitos projetos funcionam de maneira fragmentária atendendo a interesses particulares de integrantes da comunidade universitária e voltando a instituição para ela mesma, perdendo de vista a necessidade de transformação da sociedade e rendendo-se às exigências circunstanciais do mercado.

As falas a seguir sintetizam, a nosso ver, o momento vivenciado pelos docentes entrevistados.

> A gente acaba entrando nessa roda-viva e vai colocando os outros também; o aluno, o colega. (E-24)

> É mais fácil você entrar na roda-viva do trabalho do que você se manter num cotidiano mais saudável. (E-11)

Elas nos reportam naturalmente à composição de Chico Buarque intitulada *Roda-Viva* que exprime uma situação de desnorteio que comparamos àquele em que encontramos muitos docentes paranaenses. Roda-viva, segundo o dicionário, é movimento incessante, corrupio, porém, na composição, contrariamente ao que significa a palavra, a roda-viva está associada à morte. A roda-viva obstrui o movimento da vida arrancando-lhe os germens e tudo o mais que ainda se encontra em desenvolvimento.

No cotidiano docente, a roda-viva arrebata os docentes de tal forma que suas contribuições ao conhecimento cultivadas com esforço não têm espaço para promover discussões e promover avanços.

> Tanto esforço para publicar, para dizer que você está mantendo o mínimo de pontuação necessário para garantir ao seu Programa respeitabilidade e você tem a sensação de que nem os seus alunos lêem – a não ser que a questão que você publicou seja diretamente ligada ao objeto que ele pretende desenvolver, aí ele vai buscar. Mas nem o seu aluno lê. Seu colega não lê nem para brigar com você, para dizer que não concorda.(E- 28)

A roda-viva expressa uma ação abortiva, que carrega tudo.

> Você pensa: "E eu? E o meu alimento intelectual?" Tenho vontade de fazer coisas novas. Construir novos campos de pesquisa. Quero começar novamente. Não me sinto satisfeita. (E-19)

Os docentes vêem estancada sua capacidade de decidir o próprio destino, de adquirir autonomia.

> A grande maioria não se atreve, tem medo. O governador disse: "Você não está satisfeito com a universidade, peça a conta e vá porque tem uma fila de espera". A gente acredita na fila de

> espera, mas a gente sabe também que vão levar vinte anos para formar outro docente como eu, com a minha experiência, bagagem, por tudo o que eu já vivenciei. Mas eu fico com medo, eu não me atrevo, eu engulo tudo quietinha. (E-2)

A roda-viva é um vendaval que arrebata o destino das pessoas.

> Você sacrifica tudo. Sacrifica a tua vida, tudo o que você tem em prol de ser docente, de estar aqui, ver se consegue fazer alguma coisa para melhorar o que vem vindo. Sai daqui chateada porque não chegou a lugar nenhum e não conseguiu se unir a ninguém. (E-2)

A capacidade de interagir é comprometida pela roda-viva.

> Eu vejo cada um fazendo aquilo que é seu e se fechando no seu universo. (E-5)

Mesmo assim, ainda sobrevive o desejo de alguns docentes resistirem, de assumirem a condição de sujeitos, de terem voz ativa e enfrentarem a corrente da roda-viva.

> Estão acabando com a educação superior. Eu acho que essa é a intenção. Eu não vou desanimar por isso. Vou continuar, até onde me permitirem, na escola pública. (E-12)

> Apesar dessa dificuldade, tem muita gente ainda que resiste. É um momento que nós estamos vivendo. E nós vamos resistir enquanto nós pudermos. É isso que nós vamos fazer. (E-19)

Os movimentos descritos na canção, tal como a dinâmica contida nas falas dos entrevistados, fazem menção a momentos que implicam em empenho, dedicação, trabalho sério e sucessiva frustração. Esse ciclo, segundo nosso entendimento, descreve a experiência histórica paranaense em relação ao ensino superior. Nela, o tempo dos docentes vem passando por metamorfoses.

O descompasso existente entre o número de atividades e o tempo de que o docente dispõe para realizá-las acelera o cotidiano. De modo

contrário, há compassos de espera em relação às ações que dependem dos órgãos governamentais. Há a falta de sintonia entre a dimensão dos tempos do professor e do poder público, pois respondem às necessidades com velocidades totalmente distintas.

Assim, o tempo, aspecto inexorável da vida humana – fonte dos ritmos, ciclos, fases, idades, estações, eras, minutos, etc. – se torna, também, fonte de angústia.

O tempo é uma das dimensões constitutivas das tramas sociais, campo em que se dão as relações interpessoais, no qual as estruturas se desenvolvem; é ele que tem a possibilidade de orientar e influir diretamente sobre o comportamento e sobre as expectativas ao demarcar o passado, presente e futuro. É sobre a relação que o docente estabelece com o tempo que têm incidido significativos impactos das atuais políticas, sobretudo aquele tempo que deveria se voltar para a criação de espaços para a criatividade, para a interação e que seria capaz de dar à docência um sentido de ação intelectual, formativa, crítica, criativa e construtiva.

No atual momento dos docentes das universidades paranaenses, o tempo se tornou uma roda-viva que dispersa no espaço, agita por dentro e corrói os coletivos.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. *Trabalho docente e textos:* economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HARGREAVES, A. *Os professores em tempos de mudança:* o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Lisboa: Mc Graw Hill. 1998.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 11 ed. 2002.

MARX, Karl . Capítulo VI Inédito, *O Capital,* Livro I, volume I. São Paulo: Moraes, 1985.

PARANÁ. DECRETO 5.098, de 19 de julho de 2005. *Dispõe sobre os pedidos de afastamento ao exterior dos servidores das instituições estaduais de ensino superior*. Disponível em http://celepar7cta.pr.gov.br, acesso em 20/01/2007.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: 9.ed, Record, 2005.

SGUISSARDI, Valdemar. Dearing report: novas mudanças na educação superior inglesa? IN: TRINDADE, Hélgio (org.) *Universidade em ruínas*: na república dos professores. Vozes, Rio Grande do Sul: CIPEDES, 1999.

_____. Universidade pública estatal: entre o público e o privado mercantil. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, nº. 90, p. 191-222, jan./abr. 2005.